

ORDEM DOS ENFERMEIROS



ENFERMEIROS ESTRANGEIROS EM PORTUGAL



Título: Os Enfermeiros Estrangeiros em Portugal

Autores: António Manuel V. Alves da Silva
Raul Miguel Pires Fernandes

Edição: Ordem dos Enfermeiros

Grafismo e Revisão: Gabinete de Relações Internacionais e Gabinete de Comunicação e Imagem

Fotografias: Arquivo Ordem dos Enfermeiros

ISBN: 978-972-99646-6-4

“Espero realmente que este estudo seja capaz de reconhecer estas e muitas outras dificuldades encontradas pelos enfermeiros estrangeiros em Portugal e que a Ordem seja portanto um órgão facilitador da nossa inserção no mercado de trabalho, ao qual temos direito.”

Comentário de um enfermeiro inquirido no estudo.

ÍNDICE

<i>ÍNDICE DE TABELAS</i>	5
<i>ÍNDICE DE GRÁFICOS</i>	
<i>PREFÁCIO</i>	6
<i>CONTEXTUALIZAÇÃO</i>	7
<i>INTRODUÇÃO</i>	9
<i>CARACTERIZAÇÃO DOS ENFERMEIROS ESTRANGEIROS</i>	12
<i>OS ENFERMEIROS E A PROFISSÃO</i>	16
<i>PERCEPÇÃO DE DISCRIMINAÇÃO E DIFICULDADES</i>	19
<i>DISCURSO DIRECTO</i>	23
<i>CONCLUSÃO</i>	25
<i>BIBLIOGRAFIA</i>	27
<i>ANEXO</i>	28

ÍNDICE DE TABELAS

TAB 1 - DEZ NACIONALIDADES MAIS REPRESENTATIVAS.....	9
TAB 2 - DISTRIBUIÇÃO PELO GÉNERO, DADOS OE DEZ. 07.....	9
TAB 3 - POPULAÇÃO ESTRANGEIRA COM ESTATUTO LEGAL DE RESIDENTE, POR NACIONALIDADE E SEXO, SEGUNDO O GRUPO ETÁRIO, PORTUGAL, 2005 (INE).....	9
TAB 4 – TEMPO DE PERMANÊNCIA EM PORTUGAL DOS ENFERMEIROS ESTRANGEIROS, DADOS OE DEZ. 07.....	10
TAB 5 – DISTRIBUIÇÃO DOS ENFERMEIROS ESTRANGEIROS POR SECTOR DE ACTIVIDADE, REGISTRADOS NA OE EM DEZ 2007... ..	10
TAB 6 – PERCENTAGEM E FREQUÊNCIA DE ENFERMEIROS POR NACIONALIDADE.....	12
TAB 7- DESCRIÇÃO DO TEMPO DE FORMAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA QUE OS ENFERMEIROS.....	16
TAB 8 - PERCENTAGEM DE ENFERMEIROS POR TEMPO DE PERMANÊNCIA E EXPERIÊNCIA DENTRO E FORA DE PORTUGAL.....	16
TAB 9 – FREQUÊNCIA DE LOCAIS DE TRABALHO DOS ENFERMEIROS NO SEU PAÍS DE ORIGEM.....	17
TAB 10 - DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS DE RESPOSTAS AFIRMATIVAS POR DOENÇA GRAVE OU CRÓNICA ACTUAL.....	22
TAB 11 - FREQUÊNCIA DE EXPOSIÇÃO A RISCOS DE ENFERMEIROS EM PORTUGAL, IN " <i>AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS ENFERMEIROS PORTUGUESES</i> " (P. 191 2004)	22

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁF. 1 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ENFERMEIROS REGISTRADOS NA OE DE 2000 A DEZ 2007.....	10
GRÁF. 2 – PERCENTAGEM DE ENFERMEIROS POR NÚMERO DE FILHOS.....	12
GRÁF. 3 – PERCENTAGEM DE ENFERMEIROS PELO TEMPO DE PERMANÊNCIA EM PORTUGAL.....	13
GRÁF. 4 – FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS, AGRUPADO POR GRUPOS DE MOTIVOS DA MIGRAÇÃO.....	13
GRÁF. 5 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS DE RESPOSTAS AOS MOTIVOS DA MIGRAÇÃO POR CONTINENTE/PAÍS DE ORIGEM ..	14
GRÁF. 6 – REPRESENTATIVO DOS PRAZOS PARA REGRESSO AO PAÍS DE ORIGEM CONSIDERADOS PELOS ENFERMEIROS QUE O TENCIONAM FAZER.....	14
GRÁF. 7 – FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS POR MOTIVO DE REGRESSO AO PAÍS DE ORIGEM.....	14
GRÁF. 8 - FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS POR FACTOR DE PERMANÊNCIA EM PORTUGAL.....	15
GRÁF. 9 - GRÁFICO REPRESENTATIVO DO TEMPO DE INTEGRAÇÃO PROFISSIONAL.....	16
GRÁF. 10 – REPRESENTATIVO DA PERCEPÇÃO DE EXISTÊNCIA DE DIFERENÇAS SIGNIFICATIVAS NA PRÁTICA DE ENFERMAGEM ENTRE PORTUGAL E O PAÍS DE ORIGEM POR NACIONALIDADE.....	17
GRÁF. 11 - REPRESENTATIVO DA PERCEPÇÃO DE EPISÓDIOS DE DISCRIMINAÇÃO SENTIDA PELOS ENFERMEIROS ESTRANGEIROS POR PARTE DE CLIENTES/DOENTES E DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE.....	19
GRÁF. 12 - PERCENTAGEM DE RESPOSTAS AFIRMATIVAS POR DIFICULDADES ENCONTRADAS POR SER IMIGRANTE.....	21
GRÁF. 13 - PERCENTAGEM DE RESPOSTAS AFIRMATIVAS POR DIFICULDADES SENTIDAS, HÁBITOS E PROBLEMAS DE SAÚDE DOS ENFERMEIROS IMIGRANTES.....	22

PREFÁCIO

Em todos os momentos que se tomam decisões, fazem-se escolhas sem haver certezas sobre os resultados finais. O documento que têm agora oportunidade de ler é o resultado de uma dessas decisões. No momento em que foi tomada, as dúvidas eram enormes. Hoje, lendo o produto final, reflectindo sobre as muitas questões que nos levanta e já conhecedores dos muitos reflexos que a divulgação dos seus resultados preliminares originaram, fico satisfeito por constatar que esta foi uma boa decisão.

O tema da migração de profissionais é quase obrigatório nos eventos mundiais dedicados ao tema dos recursos humanos da saúde. Nas muitas oportunidades que tive de participar nessas discussões pude verificar que, apesar de muito estudado, não é frequente a apresentação de dados detalhados sobre as diferentes realidades, nomeadamente as europeias. Apesar de não poder garantir o seu pioneirismo, posso afirmar que este estudo está entre os primeiros do seu género na Europa.

Considero que, com a divulgação destes dados, a Ordem dos Enfermeiros está a trilhar caminhos que poderão melhorar a compreensão de um fenómeno que, em minha opinião, tenderá a aumentar nos próximos tempos.

Neste trabalho o Gabinete de Relações Internacionais centrou a sua atenção apenas nos enfermeiros estrangeiros que exercem em Portugal. Sem dúvida alguma que seria igualmente importante conhecer os enfermeiros Portugueses que, em número crescente, começam a abandonar o País: quem são, porque e como o fazem, para onde vão e por quanto tempo.

O presente estudo centra-se numa pequena fracção dos enfermeiros inscritos na Ordem dos Enfermeiros. Apesar de apenas cerca de 300 dos cerca de 2 mil enfermeiros contactados terem respondido ao questionário, a taxa de resposta é a habitual para este género de iniciativas. É, também, de realçar o bom acolhimento que esta iniciativa

teve por parte dos visados e de alguns sectores da sociedade.

Para além das respostas obtidas às questões que foram suscitadas pela análise da literatura, sobretudo internacional, foi possível identificar diversas outras temáticas que merecem um olhar mais atento. Não permitindo formular conclusões generalizáveis, os dados recolhidos apontam direcções para aprofundamento futuro. Temos como exemplo, as questões da linguagem, da discriminação percebida, da recusa de aceitação de cuidados por parte de alguns doentes e do desenvolvimento profissional dos enfermeiros estrangeiros.

Finalizo, convidando-o a ler este documento e a transmitir as suas opiniões para:

gri@ordemenfermeiros.pt

António Manuel

Coordenador do Gabinete de Relações Internacionais
Ordem dos Enfermeiros



CONTEXTUALIZAÇÃO

A migração de profissionais de saúde é uma realidade global e habitualmente associada à escassez, em alguns países alarmante, destes profissionais. Segundo o Conselho Internacional de Enfermeiros (*International Council of Nurses -ICN*), os enfermeiros acolheram sempre a oportunidade de transpor as fronteiras do seu país em busca de novas oportunidades e melhores perspectivas de carreira. Contudo, nos últimos anos esta migração aumentou significativamente e ganhou visibilidade, minando, em alguns países em desenvolvimento, as tentativas de melhoria e sustentabilidade dos seus Sistemas de Saúde.

Os autores do documento do ICN intitulado *International migration of nurses: trends and policy implications* (Buchan J., Kingma M., Lorenzo F. M.) referem ainda que, apesar da migração de enfermeiros ser geralmente considerada como fuga de cérebros sem retorno, a sua análise é complexa e não pode ser linear. Esta análise tem de incluir o respeito pelos direitos individuais de escolha, as motivações e atitudes dos enfermeiros em relação ao desenvolvimento da sua carreira, o estatuto relativo dos enfermeiros nos diferentes países e sistemas, as diferentes políticas governamentais de gerir, facilitar ou tentar limitar as entradas e saídas de enfermeiros, bem como o papel de agências internacionais de recrutamento.

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), no editorial do seu relatório anual de 2007 sobre a migração internacional, esclareceu vários mitos que interessa aqui comentar. Um deles está directamente relacionado com a fuga de enfermeiros e médicos de países em desenvolvimento para os países da OCDE. Segundo a organização, a mobilidade internacional de profissionais de saúde é limitada e muitas vezes apenas pontual, contudo a especulação gerada à volta desta realidade dificultou o estabelecimento de políticas eficazes.

A justificar este mito encontrava-se a ideia que os profissionais de saúde estavam fortemente representados

na migração de trabalhadores altamente qualificados para a OCDE. Na verdade, e segundo os dados do relatório de 2000, apenas 11% dos enfermeiros e 18% dos médicos que trabalham nos países da OCDE nasceram no estrangeiro, o que está ao mesmo nível de outras profissões. Apesar disso, este valor é uma média que inclui variações que vão de 5% aos 30% em alguns países e esse factor não pode, logicamente, ser desvalorizado.

Ainda assim, o relatório é claro quando diz que se fosse eventualmente possível impedir a migração de profissionais de saúde de países em desenvolvimento, isto representaria apenas um pequeno incremento nos recursos humanos na saúde que, por si só, não resolveria a escassez de profissionais.

O relatório tenta ainda desmontar o mito que a migração de profissionais de saúde se deve a fortes políticas de recrutamento internacional de grandes países. De facto, a imigração tem aumentado nos últimos 5 anos, contudo, e segundo a OCDE, este aumento tem ocorrido mesmo em países sem políticas de recrutamento internacional.

O editorial do documento, elaborado por John P. Martin relembra que apesar da mobilidade internacional representar um papel limitado na escassez mundial de profissionais de saúde, a atenção da comunidade internacional não deve desviar-se deste problema, nem enfraquecer os compromissos para uma melhor saúde para todos.

A migração na União Europeia (UE) é cada vez mais definida como aquela cuja origem é exterior aos seus países membros. Sabendo que a Europa alberga 35% de todos os migrantes mundiais (dados das Nações Unidas 2006), é facilmente perceptível a necessidade de uma análise cuidada do contexto em que esta se desenvolve.

São conhecidos os problemas relacionados com a saúde que os imigrantes enfrentam. A mudança de ambiente, alimentação, clima, a própria viagem, bem como as condições de vida e de trabalho, tornam estas pessoas mais vulneráveis a problemas de saúde. Segundo o documento

da Direcção-Geral da Saúde preparado no âmbito da Presidência Portuguesa da UE, por Miguel P. e Padilla B. (2007), os imigrantes apresentam altas taxas de incidência de hipertensão, diabetes, cancro e algumas hemoglobinopatias. Consideram-se igualmente como um grupo mais vulnerável a doenças de declaração obrigatória como a Tuberculose, HIV/SIDA, Hepatite e outras doenças. O mesmo documento refere ainda que, por diversos condicionalismos, os imigrantes apresentam também uma maior incidência de acidentes de trabalho.

Pelo seu significado, estas informações não podem deixar de ser analisadas pela sociedade em geral, e pela Ordem dos Enfermeiros em particular, no que a este grupo profissional diz respeito. Apenas órgãos de gestão informados e conhecedores da realidade podem contribuir para a sua melhoria. Os imigrantes representam valor acrescentado para o País e devem ser apoiados para que o processo de integração decorra com o mínimo de problemas possíveis.

Central de Enfermagem



INTRODUÇÃO

No âmbito da temática adoptada pela área da Saúde da Presidência Portuguesa da União Europeia – Saúde e Migrações –, a Ordem dos Enfermeiros (OE) procurou conhecer um pouco mais os emigrantes dentro da profissão, não considerando, contudo, a definição usada no capítulo anterior e englobando todos os enfermeiros nascidos fora de Portugal.

A 31 de Dezembro de 2007 trabalhavam em Portugal 2135 enfermeiros estrangeiros, sendo a maioria de nacionalidade espanhola (mais de 63%), seguidos de muito longe por enfermeiros oriundos do Brasil. A proximidade geográfica

Nacionalidade	F	M	Total
Espanhola	974	384	1362
Brasileira	176	21	197
Angolana	60	13	73
Francesa	65	6	71
Guineense	36	22	58
Moldava	32	8	40
Alemã	29	10	39
Inglesa	35	3	38
Ucraniana	31	7	38
São Tomense	21	6	27

Tab 1 - Dez nacionalidades mais representativas, dados OE Dez. 07

e linguística bem como a facilidade de movimento na UE parecem ser facilitadores das migrações entre os dois países ibéricos. De igual forma, a proximidade linguística e os protocolos estabelecidos com o Brasil, terão ajudado este outro fluxo migratório.

Conhecendo a história da profissão, é fácil perceber que na

distribuição pelo género o sexo feminino está em maioria, representando 76,2% da população de enfermeiros imigrantes em Portugal. Curiosamente, a percentagem total das enfermeiras a trabalhar em Portugal é ligeiramente superior, representando 81% do total destes profissionais.

Género	Total
Feminino	1628
Masculino	507
Total	2135

Tab 2 - Distribuição pelo género, dados OE Dez. 07

Estes valores contrariam, de alguma forma, a tendência da população estrangeira residente em Portugal. Repare-se que nos dados do Instituto Nacional de Estatística (Tab. 3) o sexo masculino predomina em relação ao feminino.

No que diz respeito à distribuição por faixas etárias, sabe-se que cerca 75% dos enfermeiros imigrantes tinham, em 2007, idades compreendidas entre os 21 e os 35 anos. Comparativamente com a população estrangeira total no País em 2005, os enfermeiros estrangeiros tendem a ser mais novos. Considerando a população total de estrangeiros no País, no grupo etário compreendido entre os 21-34 anos (dados do INE 2005 – Tab. 3), estes representam apenas 36% do total. Compreendemos e fazemos notar que esta comparação tem a limitação de não ser baseada em anos idênticos, o que fere o seu rigor. Contudo, cumpre o objectivo de dar mais uma imagem da população em estudo.

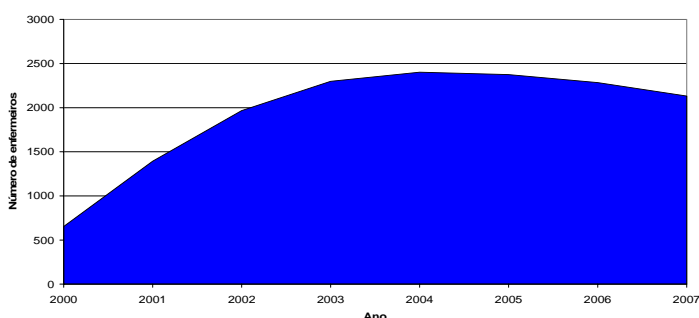
Estes dados contribuem para a afirmação da tendência nacional de franca renovação da profissão.

	Total	Grupo etário											
		0-4	5-9	10-14	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	50-54	+55
HM	275.906	14.109	13.836	17.313	19.299	28.437	35.927	34.729	29.625	22.668	16.208	11.105	32650
H	148.700	7.431	7.484	9.220	10.272	14.325	18.870	19.123	16.771	13.140	9.202	6.102	16760
M	127.206	6.678	6.352	8.093	9.027	14.112	17.057	15.606	12.854	9.528	7.006	5.003	15890

Tab 3 - População estrangeira com estatuto legal de residente, por nacionalidade e sexo, segundo o grupo etário, Portugal, 2005 (INE)

A comparação dos dados desde 2000, representada no Gráf. 1, mostra a evolução do número de enfermeiros estrangeiros em Portugal. Em 2000, estavam inscritos 653 enfermeiros estrangeiros, tendo atingido o pico máximo em 2004, com 2402 enfermeiros. Desde então verifica-se uma tendência para a diminuição, aparentemente constante, deste número. Em Dezembro de 2007 o valor cifrava-se nos 2135.

Evolução do número de enfermeiros estrangeiros



Gráf. 1 - Evolução do número de enfermeiros registados na OE de 2000 a Dez 2007

Note-se que esta diminuição é reflexo praticamente exclusivo da diminuição do número de enfermeiros espanhóis. Quando comparado o número de enfermeiros pelas 10 nacionalidades mais representativas, entre o início do ano e Dezembro de 2007, apenas os enfermeiros de nacionalidade espanhola e alemã reduziram o seu número (menos 125 e menos 1, respectivamente), sendo que a maioria das restantes nacionalidades mantém ou aumenta os seus números.

Esta tendência, se analisada no contexto das mudanças no Sistema de Saúde Português, poderá indicar a diminuição da sua atractividade para os enfermeiros estrangeiros, especialmente para os enfermeiros de nacionalidade espanhola. O aumento constante e considerável da população nacional de enfermeiros de 2000 a 2007 (de cerca de 37.000 para cerca de 53.000) terá, igualmente, influência na oferta de emprego nacional e, conseqüentemente, na atractividade do nosso Sistema de Saúde.

Calculando o tempo de permanência dos enfermeiros estrangeiros em Portugal, a partir da diferença entre a data

de inscrição e a data de cancelamento na OE (Tab. 4), podemos afirmar que os enfermeiros estrangeiros permanecem em média 2 anos e 5 meses em Portugal.

Tempo de Permanência (*)	Total (Meses)
Tempo máximo de permanência	107
Tempo mínimo de permanência	1
Tempo médio de permanência	29
(*) Diferença entre a data de inscrição e data de cancelamento ou suspensão	

Tab 4 – Tempo de permanência em Portugal dos enfermeiros estrangeiros, Dados OE Dez. 07

Contudo, é necessário ter em atenção que a Ordem dos Enfermeiros, bem como o registo de membros, têm apenas 9 anos de existência. O tempo máximo e médio reporta apenas a essa data e tem essa limitação.

Quando olhamos para a distribuição por sector de actividade (Tab. 5), podemos verificar que os hospitais são os principais empregadores dos enfermeiros estrangeiros, seguidos pelos centros de saúde. O número de enfermeiros sem actividade declarada é igualmente bastante relevante.

Sector de Actividade	F	M	Total
Hospitais	950	322	1272
Centros de Saúde	150	39	189
Estab. privados de saúde	69	15	84
Exercício liberal	30	22	52
Aposentados	9	2	11
Estab. de ensino de Enfermagem	1	0	1
Não declarada	419	107	526
Total	1628	507	2135

Tab 5 – Distribuição dos enfermeiros estrangeiros por sector de actividade, registados na OE em Dez 2007

No que respeita ao título profissional, apenas 2,5% dos enfermeiros estrangeiros a exercer em Portugal possuem o título de especialista.

São claras as atribuições da OE relacionadas com a garantia de prestação de cuidados de qualidade a todo o cidadão, bem como a promoção de ambientes favoráveis à prática. Desta forma, recolheram-se dados que possam servir de base para um melhor acolhimento e integração mais saudável dos enfermeiros estrangeiros que nos privilegiam com a sua estadia. Pretendemos dessa forma, que a integração de colegas imigrantes se faça sem

prejuízo para a pessoa cuidada, antes, traga ganhos na qualidade dos cuidados, pela integração destes novos saberes e experiências.

Sendo a migração de profissionais de saúde uma das áreas de análise que mais atenções tem atraído e considerando as suas consequências que dela podem advir, a OE decidiu olhar, ainda que de forma superficial, a pessoa por detrás dos números que anualmente divulga.

Dessa forma lançou um estudo tendo como população alvo os enfermeiros estrangeiros a trabalhar em Portugal e com o intuito de conhecer as dificuldades e desafios que estes encontraram na sua integração.

A colheita de dados decorreu de 15 Julho a 20 Agosto de 2007, através de um questionário (em ANEXO) enviado a todos os enfermeiros estrangeiros registados na base de dados da Ordem dos Enfermeiros, com envelope de resposta paga para retorno. O questionário deveria ser respondido até final de Agosto de 2007.

O questionário foi construído baseado em documentos nacionais e internacionais divulgados neste âmbito e validado com a aplicação do questionário a 4 enfermeiros estrangeiros cujas dúvidas e dificuldades foram tidas em conta no modelo final.



CARACTERIZAÇÃO DOS ENFERMEIROS ESTRANGEIROS

Tendo caracterizado sucintamente a população em estudo, importa caracterizar a amostra.

Responderam ao questionário 290 enfermeiros, sendo que apenas 276 foram considerados válidos, o que corresponde a cerca de 12% da nossa população. Destes, 83% eram do sexo feminino, com média de idade próxima dos 34 anos e com idades compreendidas entre os 23 e os 73 anos.

A maioria dos enfermeiros inquiridos formou-se no estrangeiro, com apenas 10% formados já em Portugal. Nestes 10%, a imigração ocorreu na maioria das vezes na infância ou juventude, acompanhando os pais na migração ou regresso a Portugal.

Dos enfermeiros com formação base no estrangeiro, 14% tiveram que realizar formação complementar em Portugal para poderem exercer a profissão. Os enfermeiros que responderam ao questionário são na sua maioria generalistas, com cerca de 7% de enfermeiros especialistas.

Na distribuição das respostas pela nacionalidade (Tab. 6) verificou-se um domínio espanhol (40%) que, quando comparado com os dados gerais da população (Tab.1), se mostra menos expressivo. Por sua vez, e mantendo a base de comparação, os brasileiros apresentaram uma ligeira subida para os 12%.

Nacionalidade	Frequência	Percentagem
Espanhola	113	40%
Brasileira	34	12%
Moldava	16	6%
Alemã	15	5%
Ucraniana	12	5%
Francesa	11	4%
Inglesa	9	4%
Guineense	8	3%
Angolana	7	3%
Holandesa	7	3%
Portuguesa	8	4%

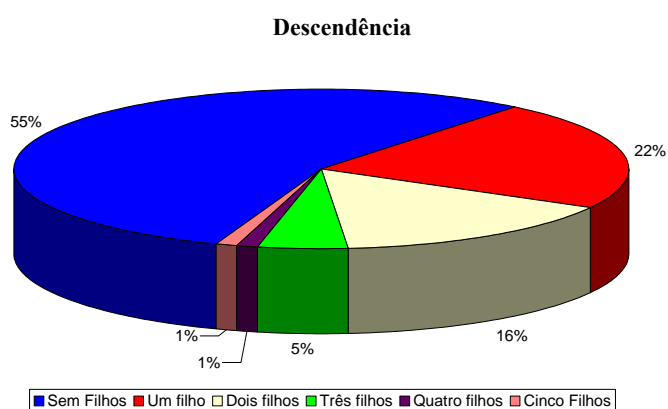
Tab 6 – Percentagem e frequência de enfermeiros por nacionalidade

Contudo, é de notar que nas 10 nacionalidades referidas no capítulo anterior, apenas São Tomé deixou de constar no grupo, sendo substituído pela Holanda. Ainda assim, parece-nos que os valores da Tab. 6 são representativos da população original.

De notar, que entre os enfermeiros com dupla nacionalidade, 4% dos inquiridos afirmam-se já como portugueses, não identificando a nacionalidade de origem.

Cerca de 50% dos inquiridos são casados e destes, 52% são casados com um cidadão português. Mesmo considerando que a maioria destes enfermeiros são espanhóis, apenas 12% destes são casados com cidadãos espanhóis.

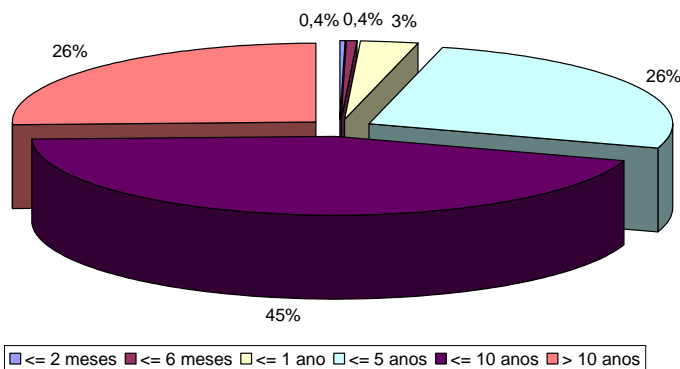
Embora grande parte dos inquiridos (55%) afirme não ter descendência, a maioria dos restantes declara ter um ou dois filhos. Ainda assim, mais de 7% refere ter 3 ou mais filhos, como pode ser observado no gráfico 2.



Gráf. 2 – Percentagem de enfermeiros por número de filhos

O Gráf. 3 (apresentado na página seguinte) complementa a Tab. 4, que por ter a limitação de reportar ao período de existência da Ordem dos Enfermeiros, se torna pouco abrangente. Nesse sentido, este gráfico permite perceber que a grande maioria dos enfermeiros inquiridos se encontra em Portugal há mais de 5 anos (71%), sendo que 26% estão mesmo há mais de 10 anos. Por sua vez, os inquiridos estão no nosso País há menos de 1 ano rondam os 4%.

Tempo de permanência em Portugal

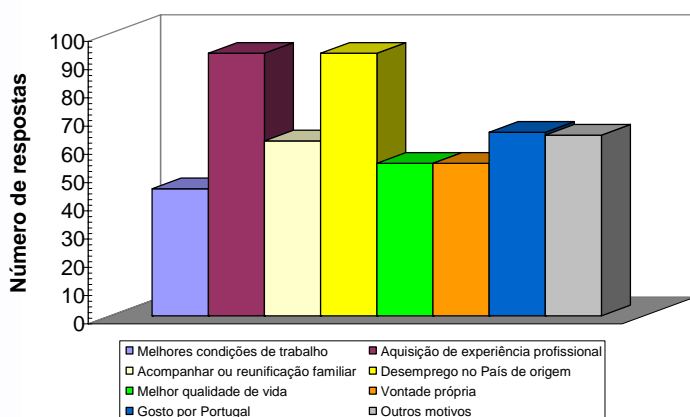


Gráf. 3 – Percentagem de enfermeiros pelo tempo de permanência em Portugal

No que diz respeito aos motivos que originaram a migração de enfermeiros para Portugal (Gráf. 4), procurou-se agrupar os dados que permitissem retirar resultados mensuráveis.

Sabendo que cada enfermeiro podia escolher mais do que um motivo na resposta à pergunta, retira-se das respostas dos enfermeiros estrangeiros que a perspectiva de aquisição de experiência profissional, bem como a vontade pessoal para emigrar são as principais forças motrizes da vinda para Portugal.

Motivos da Migração



Gráf. 4 – Frequência de respostas, agrupado por grupos de motivos da migração

Por sua vez, os motivos menos escolhidos foram a melhoria de condições de trabalho (onde se incluem a melhoria salarial) ou oportunidades de carreira, bem como a melhor qualidade de vida.

Como nos dizia Sofia Leal¹ (2005 in Revista Ordem dos Enfermeiros) “As forças promotoras da migração dos enfermeiros de nacionalidade espanhola consistiram na escassez de oportunidades de trabalho em Espanha, aquisição de experiência profissional (para a obtenção de pontuação para a candidatura às bolsas de trabalho em Espanha) e na vontade de conhecer outro país.”

Este estudo demonstra algo semelhante: os motivos de experiência profissional, o desemprego no país de origem e a vontade própria foram os mais referidos pelos enfermeiros de nacionalidade espanhola.

No Gráfico 5 podemos visualizar a distribuição por agrupamentos de nacionalidades dos 4 motivos mais referidos para emigrar. Atendendo à representatividade dos enfermeiros de nacionalidade espanhola na realidade da Enfermagem portuguesa, estes foram analisados separadamente e não incluídos no grupo de países europeus, como seria natural.

De igual forma, pela elevada percentagem de brasileiros quando comparados com os restantes enfermeiros provenientes do continente Americano, optámos por incluir o nome do país na categoria.

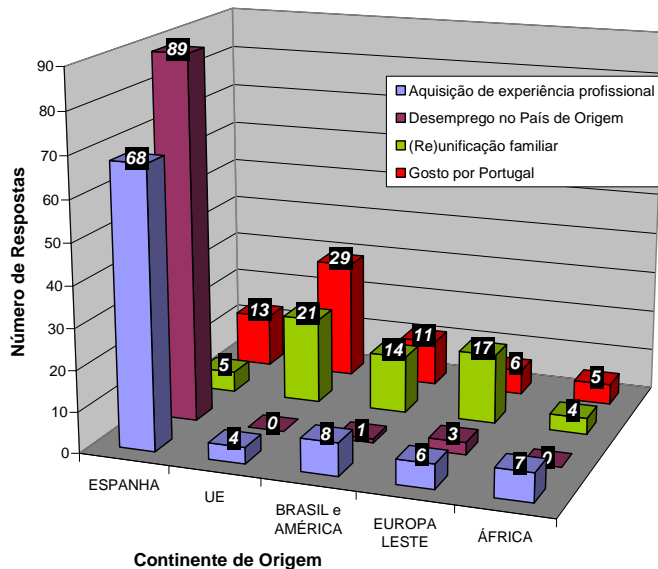
O Gráf. 5 oferece uma visibilidade clara sobre os motivos de migração para os enfermeiros de nacionalidade espanhola, que se prenderam essencialmente com o desemprego dos enfermeiros em Espanha e a necessidade de adquirir experiência profissional para regressar ao País. É ainda interessante verificar que apenas 2 enfermeiros espanhóis referiram o motivo de vontade própria (não incluído no gráfico).

Por sua vez, estes dois motivos perderam a posição cimeira para praticamente todas as outras nacionalidades. Para os restantes países da União Europeia e para o Brasil (e restantes países do continente Americano), os sentimentos positivos em relação a Portugal e o acompanhamento ou

¹ Com base na dissertação de mestrado intitulada “A Migração de Enfermeiros Espanhóis e a Gestão de Recursos Humanos dos Hospitais Portugueses”, defendida pela autora a 2 de Novembro de 2004.

reunificação familiar assumem-se como os motivos mais referidos. Para os enfermeiros provenientes de países da Europa do Leste, o acompanhamento ou reunificação familiar é o motivo mais importante.

Motivos da migração por Continente/País de origem



Gráf. 5 – Distribuição de frequências de respostas aos motivos da migração por continente/país de origem

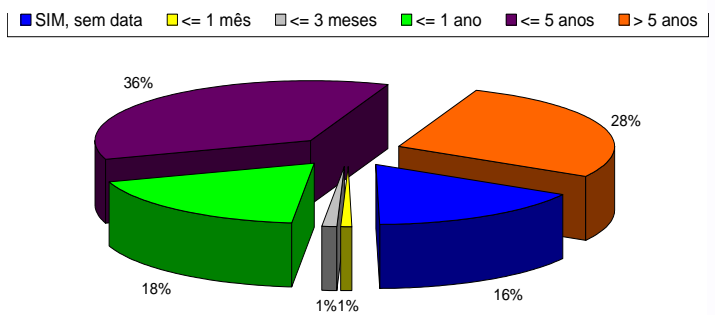
Apesar de, o gráfico de evolução do número de enfermeiros (Gráf. 1) demonstrar uma redução gradual da entrada de enfermeiros estrangeiros em Portugal, 86% dos inquiridos responderam que estão satisfeitos com a sua vinda para terras lusas. Simultaneamente, os enfermeiros estrangeiros inquiridos afirmaram, em 77% dos casos, visitar com regularidade o seu país de origem.

Quando questionados sobre a intenção de regressar ao seu país, 38% dos 257 enfermeiros que responderam deram uma indicação positiva. Destes, cerca de 56% pretendem fazê-lo nos próximos 5 anos e 20% consideram mesmo regressar no prazo de um ano.

A saudade da família, amigos e sentimentos de pertença e patriotismo são os principais motivos de regresso ao país.

A procura de melhores salários e melhor qualidade de vida são outros motivos encontrados como significativos pelos enfermeiros na sua opção de deixar Portugal.

Tenciona regressar ao seu País de Origem?

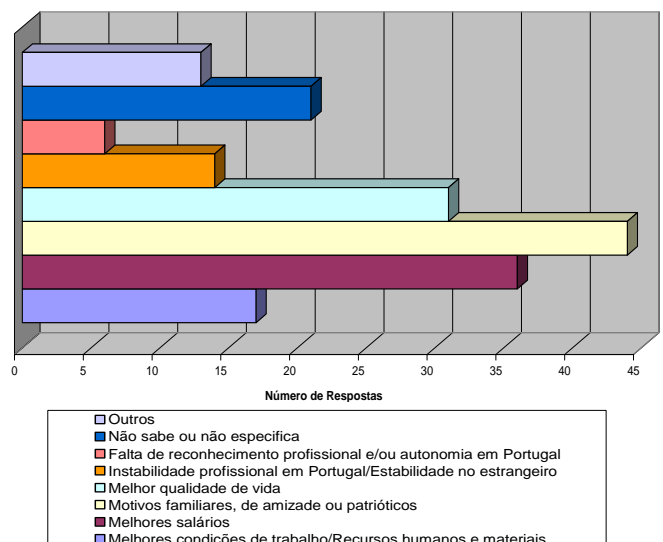


Gráf. 6 – Representativo dos prazos para regresso ao país de origem considerados pelos enfermeiros que o tencionam fazer

Há ainda um conjunto de inquiridos que não sabem ou não respondem sobre a intenção de sair de Portugal, quando o pretendem fazer ou não especificam o motivo.

Por sua vez, a *estabilidade profissional, a vontade de ficar e sentimentos positivos sobre Portugal* parecem ser as principais razões que fazem com que permaneçam em Portugal, tal como mostra o Gráf. 8. É interessante reparar que as duas principais razões por detrás da migração (aquisição de experiência profissional e desemprego no seu país) já não surgem como principais motivos para a permanência, aparecendo um novo factor a considerar – a estabilidade pessoal ou familiar – consubstanciado pelos dados apresentados anteriormente sobre casamento e descendência destes enfermeiros.

Motivos de regresso ao País de origem

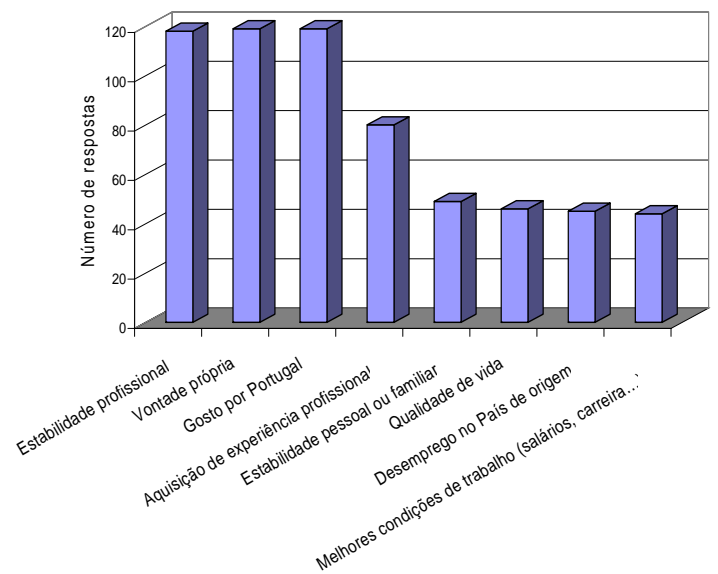


Gráf. 7 – Frequência de respostas por motivo de regresso ao país de origem

De igual modo, sabemos que cerca de 39% dos enfermeiros que responderam ao questionário já requereram ou vão requerer nacionalidade portuguesa e dos que já possuem descendência, 72% tencionam requerer ou já requereram nacionalidade portuguesa para os seus filhos.

Igualmente de realce, no que diz respeito à reunificação familiar, está o dado que 30% dos inquiridos já trouxe ou gostaria de trazer familiares para Portugal.

Factores de permanência em Portugal



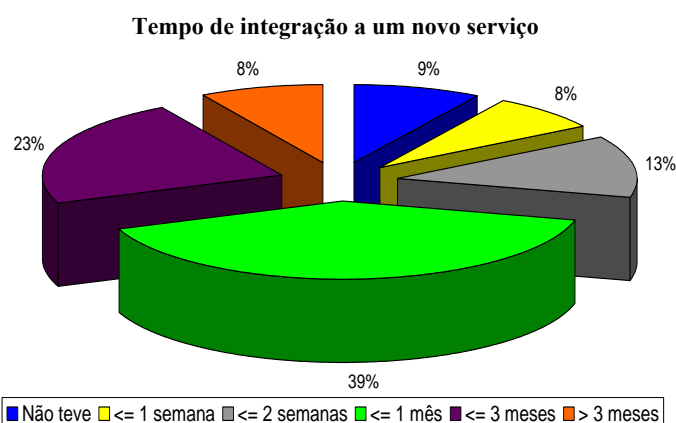
Gráf. 8 - Frequência de respostas por factor de permanência em Portugal



OS ENFERMEIROS E A PROFISSÃO

Reconhecendo a estabilidade profissional como um dos principais motivos de permanência em Portugal, interessa saber de que forma estes enfermeiros foram integrados na profissão e nos seus serviços. A integração de um profissional de saúde representa um passo fundamental na garantia da qualidade e segurança dos cuidados prestados ao cidadão, bem como na satisfação do próprio profissional.

Nos dados recolhidos e expressos no Gráf. 9, pode observar-se que 60% dos inquiridos afirmam ter tido um mês ou menos de integração profissional. Salientamos que 9% não tiveram qualquer período de integração e 21% tiveram apenas 1 ou 2 semanas.



Gráf. 9 - Gráfico representativo do tempo de integração profissional

Independentemente do tempo de integração, 86% consideraram o período que lhes foi proporcionado suficiente para as suas necessidades.

Contudo, quando questionados acerca das dificuldades de adaptação aos termos técnicos da Enfermagem portuguesa, 35% referem ter sentido dificuldades, sendo que 11% admitem que actualmente ainda as sentem. Por essa razão, mais de 47% afirmam ter frequentado formação em língua portuguesa, financiada em 62% dos casos pelos próprios ou familiares e apenas 12% pelas instituições empregadoras. Contudo, alguns dos profissionais deixam a

queixa: “Não há formação em língua portuguesa específica em termos de Enfermagem e o curso básico de Português não é suficiente para entrar na vida profissional”

Entre os profissionais que afirmaram não ter frequentado formação em língua portuguesa, mais de 37% assumem que isso influenciou a sua prática profissional. O tempo de formação em língua portuguesa que os enfermeiros frequentaram encontra-se expresso na tabela 7.

Tempo de Formação	Número de enfermeiros
Igual ou inferior a 1 semana	3
Igual ou inferior a 2 semanas	5
Igual ou inferior a 1 mês	17
Igual ou inferior a 3 meses	32
Superior a 3 meses	42
Não teve	168
Total	267

Tab 7- Descrição do tempo de formação em língua portuguesa que os enfermeiros frequentaram

No que diz respeito às dificuldades sentidas na adaptação à língua portuguesa do dia-a-dia, 37% dos enfermeiros referem ter sentido dificuldades. Não deixa de ser curioso que mais enfermeiros tenham referido dificuldades na adaptação à língua portuguesa comum do que à linguagem técnica da profissão. Destes enfermeiros 7% admitem manter estas dificuldades.

Complementares à Tab. 4 e ao Gráf. 3, os dados recolhidos neste questionário permitem ainda uma visão mais abrangente do período que os enfermeiros estão em Portugal e da sua experiência dentro e fora do nosso País (Tab. 8).

Tempo	% de Enf. por tempo de permanência em Portugal	% de Enf. por tempo de experiência profissional em Portugal	% de Enf. por tempo de experiência profissional no estrangeiro
Nulo	N.A.	0%	26,8%
≤ 2 meses	0,4%	1,5%	8,1%
≤ 6 meses	0,4%	2,6%	7%
≤ 1 ano	3,3%	8,5%	7,3%
≤ 5 anos	25,6%	34,2%	24,3%
≤ 10 anos	44,5%	36,1%	11,4%
> 10 anos	25,5%	17,1%	15,1%
Total	274	269	272

Tab 8 - Percentagem de enfermeiros por tempo de permanência e experiência dentro e fora de Portugal

A maioria dos inquiridos (cerca de 70%) estão em Portugal há mais de 5 anos. Contudo, apenas 53% destes enfermeiros têm mais que 5 anos de exercício profissional em Portugal. Dos restantes, 34% tinham entre 1 e 5 anos de prática em Portugal e 13% tinham menos de um ano.

A Tab. 8 revela diferenças temporais entre a chegada ao País e o início da prática profissional, isso é notório quando comparamos o tempo de permanência com o tempo de experiência profissional em Portugal. Repare-se que, dos enfermeiros inquiridos, 11,6% têm até um ano de experiência em terras lusas. Contudo, apenas 4,1% do total dos participantes no estudo estão no nosso País há um ano ou menos, o que justifica a afirmação que os enfermeiros estrangeiros não integram imediatamente o exercício da profissão. De igual forma, os enfermeiros com mais de 10 anos de permanência estão em maior percentagem do que aqueles que possuem equivalente experiência profissional no País.

No que diz respeito à experiência profissional no estrangeiro, verifica-se que 26,5% dos enfermeiros têm mais de 5 anos de experiência, sendo que 15,1% têm mesmo mais de 10 anos de Enfermagem no estrangeiro. Dos restantes, 24,3% têm entre 1 e 5 anos de experiência nesse contexto e 26,8% nunca exerceram fora de Portugal.

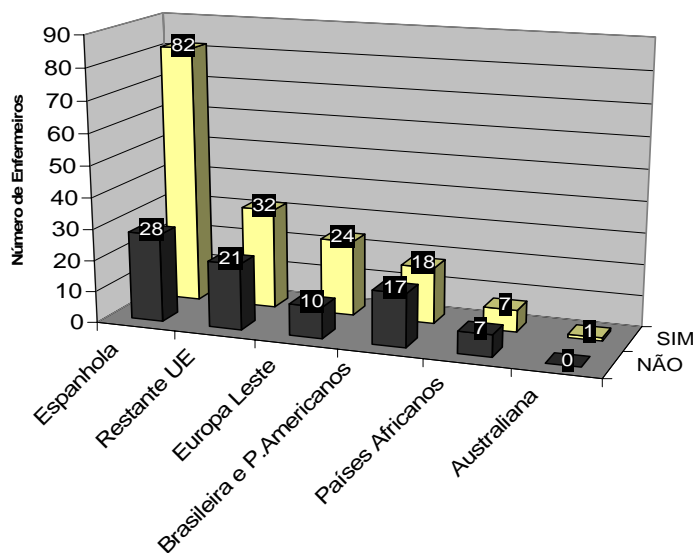
No que diz respeito aos locais onde trabalharam os enfermeiros no seu país de origem, temos, uma vez mais (comparar com Tab. 5), predomínio da prática em contexto hospitalar, surgindo a prática em cuidados primários na segunda posição.

Sector de Actividade	Frequência
Nenhum	74
Hospital	148
Cuidados Primários	79
Maternidade	35
Saúde Infantil	26
Saúde Mental	17
Ensino de Enfermagem	25
Outros	39

Tab 9 – Frequência de locais de trabalho dos enfermeiros no País de Origem

No que diz respeito à prática profissional, cerca de 66% de enfermeiros encontraram diferenças significativas entre Portugal e o seu país de origem. Diferentes funções e competências, autonomia, relações interprofissionais muito hierarquizadas e condições de trabalho/recursos diferentes são os motivos mais abordados.

Percepção de diferenças pela Nacionalidade



Gráf. 10 – Representativo da percepção de existência de diferenças significativas na prática de enfermagem entre Portugal e o País de origem por nacionalidade

São os enfermeiros espanhóis que em maior percentagem percebem diferenças significativas entre a Enfermagem dos dois países. A grande maioria dos enfermeiros de nacionalidade espanhola é clara em afirmar que em Portugal os Auxiliares de Acção Médica têm pouca formação e que os enfermeiros portugueses têm que realizar muitas funções que em Espanha são conferidas aos auxiliares. De igual forma, referem que os enfermeiros têm mais autonomia em Espanha, justificando com a realização de um maior leque de técnicas e funções (Gasimetrias, ECG...).

Os dados sobre experiência profissional (Tab. 8 e 9) são importantes para credibilizar as respostas que se encontraram sobre diferenças significativas entre a prática de Enfermagem dos diversos países. De forma a verificar a credibilidade destes dados, relacionou-se a experiência profissional no país de origem (Tab.9) com a referência a estas diferenças. Dos enfermeiros que, na sua percepção

encontram diferenças significativas na Enfermagem entre Portugal e o seu país de origem, 50% têm mais de 1 ano de experiência profissional no estrangeiro. Destes, 50% possuem mais de 5 anos.

É igualmente importante notar que ao contrário da maioria dos países, entre os quais Espanha, em Portugal existe apenas um nível de enfermeiro de cuidados gerais. Esta diferença de concepção e desenvolvimento da profissão poderá justificar alguns destes dados.

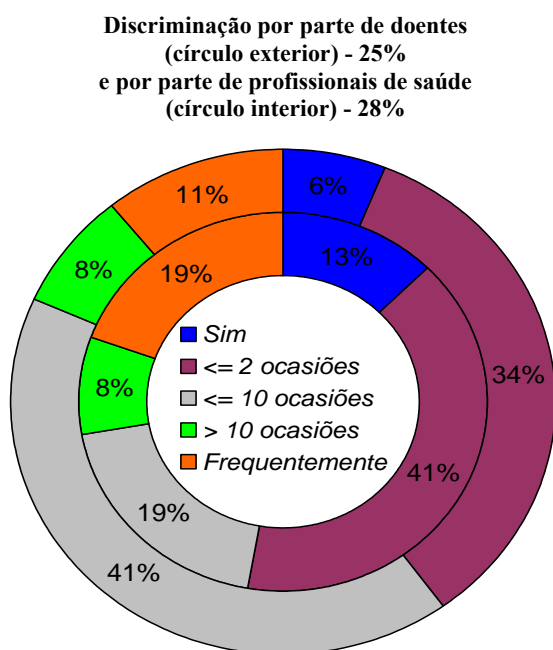


PERCEÇÃO DE DISCRIMINAÇÃO E DIFICULDADES

Quando se fala de integração num novo serviço, principalmente em país diferente, é importante considerar fenómenos de discriminação que possam ocorrer. Não os considerar é fechar os olhos a um problema que deve ser resolvido.

Dessa forma, perguntou-se aos enfermeiros estrangeiros se os clientes/doentes/utentes mostraram alguma renitência/desconforto em receberem cuidados de um estrangeiro. A mesma pergunta foi colocada sobre a renitência/desconforto por parte dos profissionais de saúde em trabalhar com um imigrante. Os resultados mostram que 25% dos inquiridos referem já ter sentido discriminação por parte dos doentes e 28% admitem terem-se sentido discriminados por outros profissionais de saúde.

Os resultados expressos no Gráf. 11 ilustram a frequência com que os enfermeiros perceberam episódios de discriminação. A resposta *SIM*, representa enfermeiros que afirmaram sentir-se discriminados, mas não indicaram a frequência em que isso ocorreu.



Gráf. 11 - Representativo da percepção de episódios de discriminação sentida pelos enfermeiros estrangeiros por parte de clientes/doentes e de profissionais de saúde

Como se pode observar, a discriminação por parte de colegas de trabalho tende a ocorrer mais vezes (28% contra os 25% da discriminação por doentes) e de forma mais repetida (27% afirmam tê-lo sentido mais de 10 vezes ou frequentemente – Gráf. 11). Esta situação poderá ser explicada com a proximidade existente entre os profissionais, que os coloca em contacto diário ou frequente.

Por sua vez, a maioria dos enfermeiros que sentiram discriminação por parte dos doentes afirmam que a frequência em que esta ocorreu foi inferior a 10 ocasiões e em 34% dos casos inferior a duas.

Quando se pede a descrição de uma situação, as respostas dos enfermeiros centram-se, essencialmente, em 4 tipos de discriminação. A mais comum é o doente pedir para ser tratado por um enfermeiro português, sendo que em alguns casos este pedido implica a recusa total de qualquer cuidado se prestado pelo enfermeiro estrangeiro ou resulta em situações de agressividade para com este. Foram relatadas as seguintes situações:

“Doente não aceitava "ordens de jejum" de uma espanhola”;

“Durante estágio família recusou-se a deixar-me entrar por ser de cor”;

“Familiares viraram-me as costas quando começava a falar. Outra doente não admitia conselhos de estrangeiros”;

“O pai de um doente recusou que tratasse do filho, verbalizando "não gosto dos espanhóis"”.

A *desconfiança em relação às competências dos enfermeiros estrangeiros* aparece em terceiro lugar na ordem de frequências, atrás de *comentários depreciativos, racistas, xenófobos ou mesmo agressões verbais* que vão desde o típico *“Volta para a tua terra”* passando por *“ainda por cima espanhola”* até agressões verbais e em alguns casos referindo que o enfermeiro *“estava a tirar o trabalho a um português”*.

O último tipo de discriminação sentida pelos enfermeiros por parte dos clientes/doentes/utentes ocorre em situações

de stresse, crise ou descontentamento com os serviços de saúde por parte de doentes e/ou familiares. Nessas alturas, a revolta é direccionada muitas vezes para os estrangeiros, como foi transmitido em alguns comentários dos inquiridos:

“Quando na triagem o tempo de espera é grande pensam que o enfermeiro estrangeiro está ali para os...”;

“Quando ficam nervosos com alguma coisa tendem a insultar-nos”;

“Tentativas de mediar conflitos terminam em”e a senhora volte para a sua terra”.

Quando a discriminação provém dos colegas da equipa de saúde, o tipo de discriminação tem ligeiras variações. Assim, são 3 os tipos principais de discriminação encontrados por ordem decrescente de frequência:

- Sentimentos de racismo, xenofobia e/ou desconforto, presentes em expressões como:

“No começo foi difícil porque a chefe e as colegas viviam fazendo piadas com brasileiros, diziam que eram vagabundos e gozavam connosco”;

“Colega perguntou se eu ”ganhava o mesmo que um dos nossos””;

“É só espanhóis, todos vem a roubar o ordenado a Portugal!”;

“Ódio, inveja e preconceitos por ser espanhola, demonstrando ignorância e desconhecimento”;

“Olhares, comentários, risos. Principalmente gestos e marginalização (...) maltrato psicológico e até físico por uma colega”;

“Sobretudo os médicos. Uma vez, quando ainda só tinha dito duas palavras disse que queria falar com alguém que falasse português e eu nessa altura já não tinha dificuldades e falava correctamente”.

- Desconfiança relativamente à aptidão profissional:

“Levantavam sempre desconforto e desconfiança dos meus conhecimentos científicos”;

“No início desconfiavam da nossa prática profissional”;

“Nos primeiros contactos às vezes colegas pedem-me que lhe deixasse mostrar como se faz algumas técnicas”;

“És mau profissional até demonstrares o contrário”.

- Problemas com as chefias:

“Chefe de serviço referiu que ia investir mais no colega português do que em mim”;

“Chefe não aceita brasileira no serviço. Menospreza os meus conhecimentos e humilha-me pelo facto de ter tirado o curso fora”;

“Fui excluída de uma formação (CIPE)”;

“Distribuição de trabalho desequilibrada (mais pesada) abuso de poder por subchefes, (...)”;

“Racismo de uma chefe para com espanhóis em situações de ascensão (p.e. chefia de equipas ou tutoria de alunos são sempre colegas portugueses)”.

Estes episódios ocorrem, segundo os inquiridos, com maior frequência no início da prática profissional nos serviços portugueses, diminuindo com o passar do tempo.

De qualquer forma, houve enfermeiros que fizeram questão de demonstrar o bom acolhimento no nosso país e que igualmente se citam:

“Protecção dos doentes em relação a mim. Solicitavam os meus serviços frequentemente, não aceitavam prestação de serviços por enfermeiros portugueses;”

“Apesar de alguns problemas a sensação geral é que os doentes têm em geral muito carinho por enfermeiros espanhóis e nos valorizam.”;

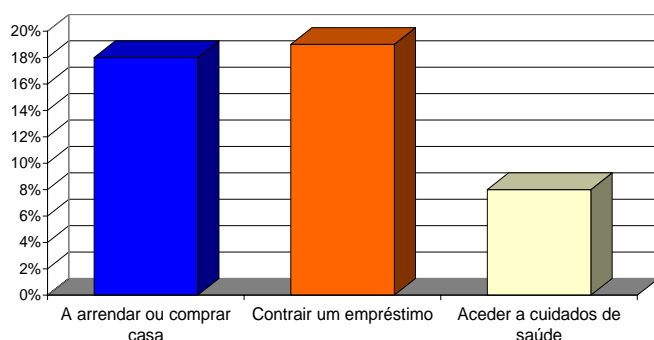
“Agora tenho bons colegas, são mesmo amorosos”;

“Pelo contrário corrigem os meus erros e ensinam-me a falar correctamente”;

“A maior parte dos colegas enfermeiros, pessoal AAM e doentes foram sempre colaboradores e demonstraram uma grande amizade e capacidade para ajudar e acolher as pessoas, muito agradecida por isso”.

Mas as dificuldades dos enfermeiros não se cingem ao campo profissional. Na sociedade em geral, 1 em cada 5 enfermeiros já sentiu dificuldade em contrair um empréstimo, arrendar ou comprar casa. Aceder a cuidados de saúde parece ser mais fácil, mas estando a analisar dados relativos a profissionais de saúde, é possível que não sejam idênticos aos registados para população imigrante em geral.

Dificuldades encontradas pelos imigrantes



Gráf. 12 - Percentagem de respostas afirmativas por dificuldades encontradas por ser imigrante

Alguns exemplos de dificuldades relatadas são: “*O preço da renda aumenta quando ouvem uma pronúncia estrangeira*”, “*os bancos pedem um fiador português*”, “*ainda não tenho cartão de utente*” nem “*médico de família*”. Mais graves são afirmações como: “*Durante os primeiros três meses recusaram-me assistência de saúde*”, o que, por si só, vai contra todas as indicações legais que visam garantir acesso à saúde ao imigrante.

Miguel P. e Padilla B. (2007) afirmam que os migrantes, chegando a um novo país, enfrentam um novo ambiente e novos estilos de vida. “*Isto coloca-os numa situação de vulnerabilidade expondo-os a vírus desconhecidos e outros agentes patogénicos, ou simplesmente, introduzindo-os num novo clima o que pode afectar o seu sistema imunitário*”. Contudo, apenas 13% dos enfermeiros migrantes em Portugal referem ter sentido dificuldades quando questionados sobre a adaptação ao clima e à alimentação portuguesa, tal como nos mostra o Gráf. 13.

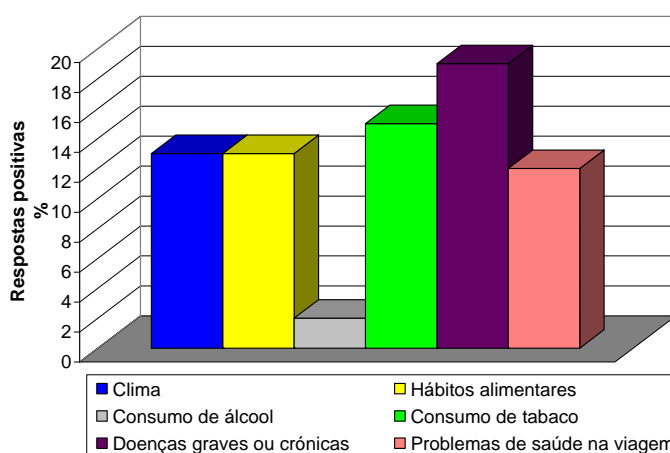
Carta et al (2005), citado por Miguel P. e Padilla B. (2007) no documento de suporte dos trabalhos da Presidência

Portuguesa da UE, diz-nos que a migração é por si um factor de risco, pelo que não é surpreendente que os migrantes tenham taxas mais elevadas de alcoolismo, adição a drogas e suicídio, entre outros. Curiosamente, os resultados obtidos para enfermeiros não confirmam esta afirmação. Apenas 2% afirmam consumir bebidas alcoólicas diariamente e 15% afirmam ter hábito tabágicos, como é visível no gráfico 13.

Do mesmo modo, uma preocupação da sociedade no que respeita aos fenómenos de migração diz respeito aos problemas de saúde adquiridos durante a viagem até ao país de destino.

A amostra revela que 12% dos enfermeiros referem ter sofrido ou sofrerem actualmente de problemas de saúde relacionados com a deslocação para Portugal. A maioria revela os problemas respiratórios como os mais frequentes, nomeadamente infecções das vias aéreas, sendo que a tuberculose aparece em 1/3 destas situações. O stresse e a depressão, bem como os problemas músculo-esqueléticos surgem nas posições seguintes.

Dificuldades de adaptação, hábitos e problemas de saúde



Gráf. 13 - Percentagem de respostas afirmativas por dificuldades sentidas, hábitos e problemas de saúde dos enfermeiros imigrantes

O Gráf. 13 revela ainda que 19% dos inquiridos respondem positivamente à questão de sofrerem actualmente de alguma doença crónica ou grave.

A Tab. 10 mostra a distribuição de doenças encontradas, sendo importante referir a presença de comorbilidade.

Doença	Frequência
HTA	12
Ansiedade	8
Oncológico	5
S. Respiratório	5
S. Digestivo	5
Depressão	4
Diabetes	3
Hipercolesterolemia	3
Problemas de Sono	3
Cardiovascular	2
SIDA/Hepatite/DST's	2
Outra	10
Total	62

Tab 10 - Distribuição de frequências de respostas afirmativas por doença grave ou crónica actual

Preocupante nos resultados deste estudo é verificar que perto de 1/3 (28%) dos enfermeiros estrangeiros em Portugal tenham sofrido pelo menos um acidente profissional. Destes, 75% envolveram acidentes com agulhas ou objectos perfurantes. Dos enfermeiros que tiveram um acidente com objectos perfurantes, perto de 37% adiantam que este estava contaminado. Contudo, é, de supor que esta percentagem seja, na realidade, superior ao reportado, considerando como contaminado qualquer objecto que tenha entrado em contacto com um utente.

Os restantes acidentes foram essencialmente devidos a esforço físico, com consequências músculo-esqueléticas (com predomínio de hérnias discais). Seguiram-se as quedas no serviço, bem como o contacto ou infecção por doentes com tuberculose activa.

A elevada percentagem de acidentes de trabalho que se encontrou confirma a afirmação de Miguel P. e Padilla B. sobre a frequência mais elevada de acidentes de trabalho nos trabalhadores migrantes. Não descurando a importância destes dados, teme-se que estes não se restrinjam à população estrangeira. O estudo encomendado pela Ordem dos Enfermeiros à Universidade Católica (2004) sobre “*As Condições de Trabalho dos Enfermeiros*

Portugueses” revelava que 62,1% dos enfermeiros inquiridos consideravam as instalações onde trabalhavam pouco ou nada adequadas no respeito à sua segurança. A Tab.11 representa as frequências de exposição aos diversos riscos enfrentados pelos enfermeiros a trabalhar em Portugal.

Os dados revelam que, no mínimo, metade dos enfermeiros consideram estar sempre ou frequentemente expostos a riscos, qualquer que seja o risco considerado.

Riscos \ Frequência	Sempre / Frequentemente			Por vezes	Nunca
	Sempre	Frequente	Total		
Riscos físicos	38,1	32,3	70,4	27,6	2
Riscos químicos	22,4	30,1	52,5	38,5	9,1
Riscos biológicos	33,6	34,1	67,6	25	7,3
Outros riscos	31,1	26,6	57,7	18,9	23,4
Grande sofrimento	19,1	44,1	63,2	32,6	4,2
Pressão psicológica	25,8	46,8	68,6	25,5	1,9
Esforços físicos	22,7	42	64,7	32,3	3

Tab 11 - Frequência de exposição a riscos de enfermeiros em Portugal, in “*As Condições de Trabalho dos Enfermeiros Portugueses*” (p. 191 2004)

De igual forma, o Sindicato dos Enfermeiros Portugueses (SEP) divulgou em 1997 um estudo sociográfico de âmbito nacional intitulado “*Recursos e Condições de Trabalho dos Enfermeiros Portugueses*” relativos ao ano de 1995. Entre outros dados, o estudo estimava que os acidentes de trabalho abrangessem anualmente cerca 7,7% dos enfermeiros hospitalares, com as picadas e cortes a totalizarem 61% desses casos. O esforço muscular e as quedas eram os acidentes seguidamente mais frequentes. Para os centros de saúde, o estudo revela igualmente a ocorrência de acidentes de trabalho, com predominância da picada por agulha ou objecto perfurante, seguido das quedas no serviço.

A penosidade do trabalho de Enfermagem é preocupante, o que originou a tomada de posição do ICN sobre Ambientes Favoráveis à Prática e que importa consultar. O próprio estudo realizado pela Universidade Católica para a OE, bem como o estudo do SEP, contêm análises mais profundas que convém igualmente conhecer.

DISCURSO DIRECTO

No final do estudo foi deixado um espaço em aberto que os inquiridos poderiam utilizar para expressar preocupações ou informações que não tivessem sido colocadas no questionário. A utilização deste espaço por parte dos enfermeiros foi bastante interessante, revelando que sentem necessidade de dar voz aos seus problemas e preocupações.

Uma dessas preocupações diz respeito a algo muito concreto – os carros com matrículas espanholas e as multas que constantemente têm vindo a ser aplicadas em Portugal aos carros do país vizinho (de salientar o anúncio do Governo no âmbito da Cimeira Luso-Espanhola em Braga a 19 de Janeiro de alterações a esta legislação).

Contudo, o que, com maior frequência, preocupa os colegas estrangeiros está directamente relacionado com as questões académicas. A equivalência ou equiparação dos cursos entre os países que permita a continuidade nos estudos para obtenção de graus académicos gerou vários comentários como os que se seguem:

“No Brasil sou Graduado em Enfermagem, em Portugal não sou Bacharel nem Licenciado”;

“Já tenho feito alguns esforços no sentido de obter a validação do título bacharelato espanhol ao português, sem sucesso”;

“Gostaria de ter estudado em Portugal a Licenciatura em Enfermagem ou Complemento, mas meu título não é compatível em Portugal e todos os trâmites que preciso fazer são demasiado complicados, impossíveis e demasiado caros para poder pagar”;

“Não posso fazer o complemento em Lisboa, segundo o Ministério da Saúde não existe um organismo que faça equivalências curriculares... espero que seja resolvido com o Tratado de Bolonha”;

“Na Alemanha sou enfermeiro, não há bacharelato nem licenciatura. Agora venho para cá e ando a tentar descobrir se sou licenciado ou não”.

As dificuldades com o reconhecimento dos títulos de especialista foram também alvo de vários comentários.

Não havendo uniformidade no reconhecimento de especialidades em Enfermagem entre os vários países, compete às autoridades reguladoras de cada Estado fazer esse reconhecimento. Nesse sentido, as especialidades existentes em Portugal são diferentes das adquiridas no estrangeiro, com a noção que esta diferença se prende igualmente com diferentes visões da Enfermagem.

Transcrevem-se alguns comentários:

“Porque licenciaturas de Anestesia e Cuidados Intensivos não são reconhecidas e remuneradas?”;

“Dificuldade no reconhecimento de equivalência de obstetrícia em escola de enfermagem (processo a decorrer há mais 3 meses)”.

As preocupações com questões de âmbito laboral foram igualmente abordadas. Começando pelos baixos salários e o elevado custo de vida, passando pelas dificuldades em arranjar trabalho e consequente desemprego, abordando ainda a carreira de Enfermagem. A actual dificuldade em encontrar emprego origina igualmente sentimentos de discriminação e, em alguns casos, de revolta. A confusão entre as atribuições da Ordem dos Enfermeiros com a actividade sindical surgiu igualmente, sendo reforçada pelos diferentes contextos de regulação profissional nos países de origem. Deixam-se alguns comentários:

“O salário aqui não se pode comparar com o da Alemanha, mas as despesas são as mesmas. Se o salário de um enfermeiro fosse melhor, os colegas não tinham a necessidade de ter mais um emprego, e talvez mais tempo para o seu próprio trabalho no hospital”;

“Já estou cá há 2 anos como enfermeira e até hoje sinto muita dificuldade em encontrar um emprego, não sei se será pelo facto da grande quantidade de candidatos, ou pelo facto de ainda haver muita discriminação”;

“Tenho tido algumas respostas negativas quando concorro a vagas de emprego, não sei se é pela idade, cor!”;

“Já não contratam espanhóis em nenhum hospital público. Já não servimos???”;

Para finalizar, deixamos a carta de um colega que, manifestando o seu sentimento, pode ser indicativo das

dificuldades que os enfermeiros imigrantes atravessam:

“Ajuda entre as colegas quase não existe, são situações que eu não conheço da Alemanha. Eu fiz o meu exame 1974, tirei um curso com a especificação em anestesia e cuidados intensivos que no meu trabalho aqui nunca foi aceite nem respeitado. Na Alemanha trabalhei desde 1971 nessa profissão sem intervalos, e principalmente nas urgências, anestesia e nos cuidados intensivos, e aqui tenho a impressão que começo no princípio, começo no ponto onde as colegas novas, que saíram das escolas de enfermagem. Toda a minha experiência não conta, não tem valor. Não deixam me trabalhar com doentes ventilados por não conhecer o contexto português, mas até agora também ainda não conseguiram explicar-me o tal contexto. Os doentes ventilados cá em Portugal são doentes diferentes???? Eu não sei. Sinceramente no trabalho sinto-me infeliz, porque não posso trabalhar assim como eu aprendi.”

Mas eu acho que não é só um problema do hospital onde eu trabalho, mas simplesmente do sistema em geral, porque já do princípio tive dificuldades em receber a minha autorização de trabalho (cédula profissional) a Ordem dos Enfermeiros fizeram enormes dificuldades. Tudo demorou 13 meses sem grandes informações, ou possibilidades de poder falar com um responsável. Os meus diplomas foram enviados para o ministério de saúde em Berlim para autenticar, que eu nem eles entendemos porquê. Para mim é falta de confiança nos ensinamentos feitos fora de Portugal, e a Alemanha é um país que pertence a CE. Mas essa falta de confiança acompanha-me também na minha vida profissional. A obrigação de ser membro na Ordem dos Enfermeiros não entendo, e para mim é uma obrigação que eu não acho necessário. Na Alemanha também temos uma Ordem dos Enfermeiros e sindicatos, mas tudo sem obrigação. Se um enfermeiro português com conhecimentos da língua alemã quer trabalhar na Alemanha é logo aceite sem grandes dificuldades e processos de mais um ano.”



NOTA CONCLUSIVA

Os recursos humanos em saúde revestem-se de especial importância no suporte das sociedades. Por esse motivo, as tendências de migração de profissionais desta área têm sido alvo de diversos estudos e conferências com intuito de recolher informação e experiências sobre intervenções neste fenómeno.

A maioria destes estudos tem sido realizada com o intuito de conhecer o impacto da presença ou ausência destes profissionais no Sistema de Saúde de determinado país, bem como políticas de atracção ou retenção dos mesmos. Contudo, este estudo procurou analisar uma outra vertente: conhecer, se bem que parcialmente, a situação socioeconómica e profissional dos enfermeiros estrangeiros a trabalhar em Portugal.

É interessante verificar que, para algumas situações analisadas, os resultados apresentados não coincidem com a situação da restante população migrante. Exemplo disso foi a média de idades (mais baixa nos enfermeiros), a distribuição pelo género (predominantemente feminino nos enfermeiros imigrantes), a adaptação ao clima e alimentação (que não se relevou problemático) e os hábitos de consumo de álcool (pouco relevantes na nossa amostra).

No entanto, a integração destes profissionais na sociedade não está isenta de dificuldades, algumas delas graves e que devem originar reflexão. O sentimento de discriminação sentido por muitos dos inquiridos no que diz respeito ao acesso à habitação, ao crédito bancário ou aos cuidados saúde merece atenção. O mesmo se aplica na integração profissional e relacionamento com os doentes e colegas, que em alguns casos foi bastante problemático.

Ainda assim, a satisfação que os enfermeiros referiram em ter escolhido o nosso País é confirmada pelos dados. A constituição de família em Portugal e com cidadãos portugueses é um dado que não podemos deixar passar sem relevo.

Todavia, verifica-se uma diminuição considerável do número de enfermeiros estrangeiros que anualmente entram no nosso País, o que revela uma redução da sua atractividade. O fenómeno é facilmente explicado pela actual dificuldade em ingressar de forma activa no mercado de trabalho.

Os dados analisados permitem levantar as seguintes conclusões:

- Parece existir uma diminuição da atractividade do nosso Sistema de Saúde para os colegas estrangeiros, principalmente de nacionalidade espanhola;
- Os enfermeiros imigrantes sentem grandes dificuldades no reconhecimento de graus académicos e parece existir uma grande dificuldade em perceber quem faz este reconhecimento;
- Sentem discriminação por parte de profissionais de saúde e de doentes;
- Apresentam dificuldades em aceder à habitação, crédito bancário e cuidados de saúde;
- Os enfermeiros de países com língua diferente têm dificuldades na adaptação aos termos técnicos de Enfermagem da língua portuguesa e têm dificuldade em encontrar formação específica nesta área;
- Os enfermeiros estrangeiros encontram diferenças significativas na prática de Enfermagem entre Portugal e o país de origem. Contudo, têm períodos de tempo reduzidos ou nulos de integração profissional;
- A prática de enfermagem continua a provar-se como uma profissão de risco, apresentando um número considerável de acidentes de trabalho, em especial acidentes com agulhas ou outros perfurantes.

Este estudo levanta a necessidade de um aprofundamento e eventual correlação entre os dados encontrados que permita potenciar a informação obtida.

No que respeita às limitações deste estudo, é de salientar que não se conseguiu descrever os percursos formativos dos enfermeiros, dado solicitado no questionário. Tal impossibilidade deveu-se à discrepância de anos de formação, mesmo entre enfermeiros com a mesma nacionalidade, gerando dados difíceis de trabalhar e organizar coerentemente.

No que à temática de imigração de profissionais de saúde diz respeito, muito está escrito. Todavia, dar oportunidade a estes profissionais de expressarem as suas dificuldades em adaptar-se ao contexto profissional de um outro país, bem como à sua realidade social, trouxe ganhos de informação importantíssimos para a Ordem dos Enfermeiros e que devem ser estar presentes no processo de tomada de decisão.

Nesta nota final é importante referir que não se pôde responder a algumas solicitações colocadas nos questionários dado que, sendo estes anónimos, não permitiram saber a quem endereçar a resposta.

A Ordem dos Enfermeiros agradece aos enfermeiros e outros intervenientes que colaboraram neste estudo. Um agradecimento em especial à Escola Superior de Enfermagem Francisco Gentil (actualmente integrada na Escola Superior de Enfermagem de Lisboa), na pessoa da Enf.^a Augusta Grou Moita, que muito contribuiu para a validação do questionário.



BIBLIOGRAFIA

BUCHAN J., KINGMA M., LORENZO F. M. - *International migration of nurses: trends and policy implications*, ICN - International Council of Nurses, 2005, Geneva (Switzerland) ISBN: 92-95040-25-2

Carapinheiro G.; Lopes N. *Recursos e Condições de Trabalho dos Enfermeiros Portugueses – Estudo Sociográfico de Âmbito Nacional* – Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, 1997, Lisboa, ISBN 972-95420-1-5

LEAL, S. – *Migração de Enfermeiros espanhóis. – Que implicações?* – Revista Ordem dos Enfermeiros, n.º16, Março 2005, ISSN 1646-2629

MIGUEL, J. P.; PADILLA, B.; *Health and Migration in the EU – Building a shared vision for action – Background Paper* Direcção Geral de Saúde, 2007,

OCDE - *International Migration Outlook – Annual Report 2007*, OECD Publications, 2007, Paris, ISBN 978-92-64-03285-9

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA – *As Condições de Trabalho dos Enfermeiros Portugueses* – Ordem dos Enfermeiros, 2004, Lisboa, ISBN 972-99646-1-0

WWW.INE.PT

Anexo

QUESTIONÁRIO

Exmo.(a) Sr.(a) Enf.(a)

Solicitávamos a sua colaboração no preenchimento do questionário que se segue. Os resultados deste estudo serão divulgados pelos meios habituais da Ordem dos Enfermeiros. O questionário é anónimo e os dados são tratados com confidencialidade e respeito.

1-

Idade ___ Sexo _____ Nacionalidade _____

Distrito de Residência _____ N.º Filhos (se aplicável) _____

Estado Civil _____ Nacionalidade do Marido/Mulher (se aplicável) _____

2 - Tempo de permanência em Portugal:

≤ 2 meses ≤ 6 meses ≤ 1 ano ≤ 5 anos ≤ 10 anos > 10 anos

3 - Experiência Profissional fora de Portugal:

Nula ≤ 2 meses ≤ 6 meses ≤ 1 ano ≤ 5 anos ≤ 10 anos > 10 anos

4 - Serviços onde trabalhou fora de Portugal (pode escolher mais do que uma opção – se esteve em mais do que um serviço por área coloque o número dentro dos quadrados):

Nenhum Hospital Cuidados Primários Maternidade Saúde Infantil

Saúde Mental Ensino de Enfermagem Outra, especifique _____

5 - Experiência Profissional em Portugal:

≤ 2 meses ≤ 6 meses ≤ 1 ano ≤ 5 anos ≤ 10 anos > 10 anos

6 - Serviços onde trabalhou em Portugal (Incluindo o actual. Pode escolher mais do que uma opção – se esteve em mais do que um serviço por área coloque o número dentro dos quadrados):

Nenhum Hospital Cuidados Primários Maternidade Saúde Infantil

Saúde Mental Ensino de Enfermagem Outra, especifique _____

7 - Local de Trabalho Actual _____

8 - País onde fez a formação base em enfermagem _____

9 - Se possível dê-nos uma imagem do seu percurso académico (quando um campo não for aplicável por favor coloque um risco):

Ensino Primário (1.º Ciclo) __ anos.

Ensino Preparatório e Básico (2.º e 3.º ciclo) __ anos

Ensino Secundário __ anos

Ensino Profissionalizante/Tecnológico (não confere título académico) __ anos

Ensino Superior __ anos

9.1 - Em qual se enquadrou o Curso Base de Enfermagem?

Exemplo de percurso de um enfermeiro português
Ensino Primário (1.º Ciclo) 4 anos.
Ensino Preparatório e Básico (2.º e 3.º ciclo) 5 anos
Ensino Secundário 3 anos
Ensino Profissionalizante/Tecnológico - anos
Ensino Superior 4 anos
Em qual se enquadrou o Curso Base de Enfermagem? *Ensino*

10 - Título profissional que actualmente possui:

Enfermeiro Enfermeiro Especialista

11 - Teve que frequentar alguma formação complementar para lhe ser permitido exercer enfermagem em Portugal?

Sim Não

11.1 Se teve, em que Instituição? _____

12 - País onde fez formação especializada (se aplicável) _____,

12.1 em que área? _____

13 - Motivo da Migração: (pode assinalar mais do que uma opção)

- Melhores salários/condições de trabalho/oportunidades de carreira,
- Aquisição de experiência profissional,
- Acompanhar/reunir-se com familiar a emigrar ou já emigrado em Portugal,
- Desemprego no País de origem,
- Melhor qualidade de vida,
- Vontade própria,
- Gosto por Portugal,
- Outros motivos (especifique)

14 - Confrontado com a realidade, está satisfeito com a decisão de vir para Portugal? Sim Não

15 - Factores de permanência em Portugal (pode assinalar mais do que uma opção):

- Melhores salários/condições de trabalho/oportunidades de carreira,
 - Estabilidade profissional,
 - Existência de desemprego no País de origem,
 - Aquisição de experiência profissional,
 - Acompanhar familiar migrante,
 - Melhor qualidade de vida,
 - Vontade própria,
 - Gosto por Portugal,
 - Outros motivos (especifique)
-
-

No Serviço onde trabalha actualmente:

16 - Considera que o tempo de integração que teve foi suficiente? Sim Não

16.1 - Quanto tempo de integração teve?

- Não teve ≤ 1 semana ≤ 2 semanas ≤ 1 mês ≤ 3 meses > 3 meses

17 - Encontrou diferenças significativas na prática de enfermagem em Portugal em comparação com o seu País de Origem? Sim Não

17.1 Se respondeu sim, especifique:

18 - Teve dificuldades na adaptação aos termos técnico-científicos da língua portuguesa? Sim Não

18.1 Se respondeu sim, mantém essa dificuldade? Sim Não

19 - Fez formação específica em Língua Portuguesa? Sim Não

19.1 – Se teve formação em Língua Portuguesa, qual foi a duração?

- Não teve ≤ 1 semana ≤ 2 semanas ≤ 1 mês ≤ 3 meses > 3 meses

19.2 - Quem a financiou a sua formação em Língua Portuguesa?

- Não aplicável Próprio/Familiar Amigo Instituição Empregadora

Outro, Especifique _____

26 - Teve dificuldades no acesso a crédito bancário, por ser imigrante? Sim Não

26.1 Se respondeu sim, especifique:

27 - Visita com regularidade o País de Origem? Sim Não

28 - Tenciona voltar, definitivamente, ao seu País de origem?

Não dentro 1 mês dentro 3 meses dentro 1 ano ≤ 5 anos > 5 anos

28.1 Se tenciona voltar, definitivamente, ao seu País revele-nos o principal motivo:

29 - Já pediu ou vai pedir nacionalidade Portuguesa? Sim Não

30 - Se tem filho(s), tenciona pedir, ou já pediu, a nacionalidade Portuguesa para ele(s)? Sim Não

31 - Se está a pedir, ou já pediu, a Nacionalidade Portuguesa *para si* e/ou para o(s) *seu(s) filho(s)* tem/teve dificuldades em fazê-lo? Sim Não

31.1 Se teve dificuldades, especifique:

32 - Tem familiares que gostaria de trazer, ou já trouxe, para Portugal?

Sim Não

Em relação à sua saúde

33 - Teve dificuldades em adaptar-se ao clima português? Sim Não

34 - Teve dificuldades em adaptar-se à alimentação portuguesa? Sim Não

35 - Teve algum problema de saúde (grave ou não) relacionado com a vinda ou estadia em Portugal? Sim Não

35.1 Se respondeu sim, especifique:

36 - Tem actualmente alguma doença crónica ou grave, que conheça? Sim Não

36.1 Se sim, diga-nos qual(is): (pode assinalar mais do que uma opção)

Diabetes Hipertensão Problema oncológico Problema cardiovascular

Problemas gástricos ou do sistema digestivo Sida/Hepatite/DST's

Depressão Problemas de Sono Ansiedade Outra(s) (especifique) _____

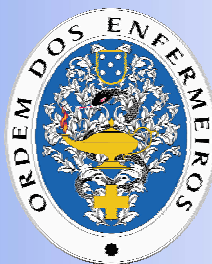
37 - Já teve algum acidente profissional? Sim Não

37.1 Se teve, conte-nos a situação

38 - Costuma beber bebidas alcoólicas diariamente? Sim Não

39 - Tem hábitos tabágicos? Sim Não

Muito Obrigado pela sua colaboração.



Avenida Almirante Gago Coutinho, 75
1700—028 Lisboa

Telefone - 21 84 55 230
Fax - 21 84 55 259